

UFRGS – INSTITUTO DE LETRAS

Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – 7ª Edição
- Trabalho de Conclusão de Curso -

A INFLUÊNCIA DO DIALETO *HUNSRÜCKISCH* NA ESCRITA DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DO MUNICÍPIO DE PARAÍSO DO SUL

Carina Dorneles Gomes
Gabriel de Ávila Othero¹

RESUMO

O presente estudo objetiva investigar em textos de alunos do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Afonso Pena, localizada no município de Paraíso do Sul-RS, casos específicos de erros de escrita que dificultam a aprendizagem de língua portuguesa por alunos de origem étnica alemã e que possuem a língua portuguesa como segunda língua. Nosso objetivo foi analisar qual a influência da língua materna (o dialeto Hunsrückisch) no desempenho ortográfico de alunos do ensino médio. Buscou-se ainda averiguar quais os fatos observados que diferenciam e/ou evidenciam a confusão entre língua materna e língua portuguesa na escrita desses alunos. Com isso, almejou-se descobrir os erros ortográficos mais recorrentes e quais fatores favoreciam sua ocorrência.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizado da escrita - erros ortográficos – Hunsrückisch.

INTRODUÇÃO

A língua se apresenta intrinsecamente multifacetada, traz uma marca de variações que se dão no âmbito do espaço geográfico, das diferenças e das camadas socioculturais. Uma língua, seja qual for, é a interposição pela qual tudo passa de uma geração a outra, pode-se dizer que é o suporte da cultura de um povo. Assim, tem um índice altamente relevante no processo de escolarização das pessoas, haja vista que é ela que assegura a identidade de um povo. É pela língua que se dão, por exemplo, as relações de poder e dominação, estigmas e preconceitos, assim como é com ela que o indivíduo constrói seu lugar na sociedade, e também através dela é excluído de certos ambientes sociais.

A língua portuguesa é ensinada nas escolas do território nacional como língua materna. Entretanto, para alguns, essa realidade não condiz com aquilo que vivenciam, uma

¹ Professor da 7ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

vez que possuem a língua portuguesa como segunda língua é o caso dos descendentes de imigrantes. Os imigrantes para cá vieram estimulados pelo império e pela esperança de uma vida melhor. Aqui, no país, construíram suas famílias, moradias e comunidades e enfrentaram inúmeros desafios, a começar pela comunicação com os habitantes que já viviam no Brasil. Como decorrência desse processo surgiram comunidades bilíngues, nas quais os moradores falam a língua original de seu país de origem e tiveram que aprender o português.

A comunidade alemã da região de Paraíso do Sul, localizada na região central do estado do Rio Grande do Sul, motivadora deste estudo, conserva em casa, na sua grande maioria, os hábitos e costumes da Alemanha e, sobretudo, a fala de seu país de origem: a língua alemã. Esse falar típico da região de seus antepassados lhes garante certo sentimento de pertencimento étnico. Contudo, ao chegar à escola, deparam-se com o desafio de somente poderem falar e escrever a nossa língua portuguesa. Dessa forma, a aprendizagem torna-se mais complexa, uma vez que os alunos tendem a transferir o conhecimento sintático, fonético, fonológico e lexical da língua alemã para o português.

No dizer de Cagliari (2009, p.67), “a linguagem humana tem como função ser comunicativa”, por isso, esta pesquisa busca investigar em textos de alunos do ensino médio da Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Afonso Pena, localizada no município de Paraíso do Sul – RS, casos específicos que acarretam à aprendizagem de língua portuguesa por alunos de origem étnica alemã e que possuem a língua portuguesa como segunda língua.

O objetivo é analisar qual a influência da etnia alemã no desempenho ortográfico de alunos do ensino médio. Busca-se ainda averiguar quais os fatos observados que diferenciam e/ou evidenciam a confusão entre língua materna e língua portuguesa. Com isso almeja-se descobrir quais os erros ortográficos mais recorrentes e quais fatores favorecem que o mesmo ocorra. A expectativa é que se confirme a hipótese levantada pela própria comunidade escolar de que a língua materna influencia e prejudica a escrita dos alunos em língua portuguesa.

O presente estudo foi subdividido em quatro seções. Inicialmente um tópico considerando os aspectos históricos e geográficos, culturais e sociais do município de Paraíso do Sul.

A segunda seção aborda questões da escrita, fonética e sistema ortográfico. Em seguida, um pouco de como é a alfabetização de alunos com “background” alemão. Na parte seguinte, abordaremos questões relativas às dificuldades de aprendizagem e alfabetização de língua portuguesa por esse tipo de alunado.

1 MUNICÍPIO DE PARAÍSO DO SUL

Conforme dados do Museu Municipal de Cachoeira do Sul², para expandir a colonização do sul do Brasil, o governo da província resolveu criar a colônia de Santo Ângelo para abrigar os colonos alemães. Há controvérsias sobre a data exata da chegada dos imigrantes, mas considera-se que os primeiros alemães chegaram em 1857 ancorando às margens do Rio Jacuí. A primeira decepção do grupo imigrante foi logo no desembarque, uma vez que o galpão do imigrante que lhes tinha sido prometido para abrigar-lhes não estava pronto, e estes se viram largados à beira do rio somente com seus pertences.

Provavelmente aborrecidos, os alemães tiveram mais um desapontamento quando viram que estavam em uma região que era cercada de montes e terras sem nada além de floresta. Os imigrantes, entretanto, foram em busca de local adequado para abrigar-se, subiram o morro e passaram para o outro lado, avistaram um local plano, verde e lindo. O qual, segundo Werlang (1995, p.42), disseram em alemão: “Das ist wirklich ein Paradies”- isto é um verdadeiro paraíso. Ali se estabeleceram, formaram a comunidade denominada Paraíso. Em 1940, o local passou a se chamar Marupiara, passando a ser Paraíso do Sul em 1959.

Na estrada de Cachoeira do Sul a Agudo, nas proximidades do Arroio da Porta, surgiram residências e estabelecimentos profissionais típicos da colônia este local recebeu o nome de Rincão da Porta. Segundo Rohde (2013), muitos núcleos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina ali se fixaram ao redor da igreja, em Paraíso. No Rincão da Porta, conforme o mesmo autor, o crescimento do povoado foi motivado pela presença da escola e de uma importante casa comercial.

A escola criada em 1931 por moradores da comunidade; denominou-se, conforme aponta Rodhe (2013), Colégio Brasileiro Alemão. Era um educandário particular e funcionou até a década de quarenta. Foi este o núcleo originário da atual Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Afonso Pena, educandário onde se realiza o presente estudo.

No mês de maio de 1988, um plebiscito aprovou a emancipação do município de Paraíso do Sul, unindo os distritos de Rincão da Porta e Paraíso do Sul. Assim, ficou estabelecido que a sede do distrito Rincão da Porta passaria a se chamar Paraíso do Sul, e o distrito de Paraíso do Sul passou a se chamar Vila Paraíso.

² Os dados apresentados por este órgão não são catalogados bibliograficamente.

O município de Paraíso do Sul localiza-se na região central do estado Rio Grande do Sul, fica a cerca de 220 km da capital do estado e possui atualmente, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE)³, população etnicamente composta por descendentes de alemães, portugueses, italianos e africanos.

Com uma população atual de 7.336, a maioria homens com a faixa etária predominante de adultos entre 20 e 59 anos. Dados extraoficiais indicam que 75% da população fala um dialeto da língua alemã como língua materna, sendo possível encontrar pessoas mais idosas que sabem falar somente esse dialeto. Na localidade, a maior parte da população reside no interior e possui como atividade econômica a produção de fumo.

O educandário que origina este estudo localiza-se na sede do município, conta atualmente com aproximadamente 400 alunos e atende educandos a partir dos seis anos de idade até os sessenta e quatro anos. Destes, a maior parte está no ensino médio politécnico, sendo 195 alunos nesta etapa de ensino. A maioria dos estudantes da escola é oriunda do interior do município, bem como de origem étnica alemã.

2 FALA, ESCRITA, FONÉTICA E SISTEMA ORTOGRÁFICO

Para Neves (2012), a linguagem possui força dominadora para criar sua verdade, tendo um poder único e particular que é diverso do poder que qualquer outra coisa possa ter. Infere-se que a linguagem possui supremacia sobre as outras áreas.

No mesmo enfoque, Antunes (2009) sentencia que a linguagem é mediadora e expressão entre a identidade e cultura de um povo, sobretudo a linguagem verbal. Contudo, convém lembrar que a mesma autora destaca que o fenômeno linguístico é algo complexo e multifacetado. Assim, admite-se que a linguagem é algo que possui a capacidade de ser autônoma e ao mesmo tempo ir construindo-se com o passar do tempo.

A linguagem é utilizada nas mais variadas situações, sejam elas orais ou escritas. De acordo com Pacheco (2008, p.1) “a capacidade comunicativa oral é inata ao ser humano”, ou seja, o homem alarga essa competência sem a necessidade de um ensino normatizado. Isso implica aferir que, mesmo sem ir à escola, o homem terá aptidão de desenvolver a oralidade. Pode-se afirmar que a linguagem falada é a linguagem primária, é a natural, pois é adquirida espontaneamente nas relações sociais do dia a dia, como no diálogo em casa com os

³ Disponível em: <http://www.ibge.com.br/cidadesat/painel/painel.php?lang=&codmun=431402&search=rio-grande-do-sul%7Cparaíso-do-sul%7Cinfograficos:-dados-gerais-do-município> Acesso em dezembro.

familiares ou numa roda de amigos. Outro aspecto que confirma essa primariedade da oralidade é o fato de que a humanidade falou durante milhares de anos antes de escrever.

A língua é uma maneira de pertencermos a determinados grupos, segundo Antunes (2009, p.23) “a língua que falamos deixa ver de onde somos. De certa forma ela nos apresenta aos outros. Mostra a que grupos pertencemos. É uma espécie de atestado de nossas identidades”, ou seja, pela língua que falamos somos apresentados aos outros, despontamos por aquilo que falamos.

Para Higounet (2003, p.10), “a escrita é tão importante para a civilização que pode até mesmo servir como definição da própria civilização, uma vez que, segundo o teórico, a civilização está dividida entre ‘antes e a partir da escrita’”. O autor ainda define a escrita como um acontecimento social. Uma das hipóteses para o aparecimento da escrita foi a necessidade do homem de representar a língua falada, ou seja, a escrita seria uma forma de afixar a linguagem, para que esta não se esquive.

Essa teoria é intensamente amparada pelo princípio que está no sistema alfabético: a representação gráfica dos sons de uma dada língua. Depois da invenção do sistema alfabético, de acordo com Kato (2005), nenhuma outra invenção significativa aconteceu na história da escrita, mesmo com todas as variedades de alfabetos no mundo.

A escrita, segundo salienta Neves (2012), consegue sacramentar a individualidade da linguagem, sua eficácia e poderio. Por muito tempo, conforme revela Kato (2005), a escrita foi vista como algo suscetível de falsificações e não era tida como fonte confiável. Conforme a autora, até mesmo Platão atribuiu insuficiência a escrita e somente no século II os Irineus propuseram a escrita como suporte à tradição oral.

Mas, foi com a reforma de Lutero que a escrita passou a ter prestígio momento em que a Bíblia foi postulada como fonte exata e, o domínio oral passou a ser contrariado. A partir daí, a leitura da escrita foi vista como fonte de sabedoria elementar e a escrita passou a ter no entendimento de Ehrlich *apud* Kato (2005, p.34) “acúmulo de conhecimento organizado”.

Contudo, cabe reconhecer que a “fala e a escrita se interpenetram” (BAGNO, 2013, p.13). A fala é mais livre, descontínua e independente, enquanto a escrita é adquirida em um processo lento e árduo de internalização de sistemas e regras próprias. A escrita é uma atividade de expressão na qual ocorre a manifestação verbal das ideias, crenças e finalidades gerais que almejamos compartilhar com alguém, e, assim, de alguma maneira, interagir.

Isso se deve ao fato de que a fala e a escrita são, conforme Kato (2005) isomórficas, ou seja, a escrita tenta simular a fala e esta por sua vez tenta aparentar a escrita, ambas obtêm êxito, porém de maneira parcial.

Assim, percebe-se que há semelhanças e diferenças nas duas “línguas”; para Bagno (2013), existem muito mais semelhanças do que diferenças entre escrita e fala: fala e escrita diferenciam-se somente quanto às condições de produção. Kato (2005) acrescenta que, além disso, as diferenças são ocasionadas pelos usos da linguagem.

Essas variações são causadas por diferentes fatores, desde as condições sociais, escolaridade, gênero e até modalidade de linguagem utilizada. Afora isso, “a fala é produzida e revisada ao mesmo tempo, ao vivo em alto e bom som, enquanto a escrita permite que a produção e revisão ocorram em momentos distintos” (BAGNO, 2013, p.68).

Conforme Kato (2005), a escrita passou por várias etapas evolutivas até chegar à fase alfabética. De acordo com a teórica, os desenhos do homem pré-histórico tinham a função de expressar suas ideias, essa era a fase pictográfica. A mesma autora revela que, por volta de 3100 a.C os logogramas, desenhos especiais também chamados ideogramas, perderam traços representativos das figuras retratadas, ao longo de seu progresso e tornaram-se uma simples convenção de escrita.

Segundo a linguista, os logogramas já tinham valor linguístico de palavra e teriam relação direta com a fala. A escrita logográfica tomava a palavra como menor unidade de representação e para cada palavra um símbolo apropriado. Silva (1981) assegura ser possível formular uma escrita com a menor parte da fala: o som. A autora salienta que “se o sistema representa todas as diferenças físicas do som da fala, temos uma escrita fonética” (SILVA, 1981, p.13). É nesse momento, para Gelb *apud* Kato (2005), que a foneticização da escrita começa.

Os fenícios, segundo Kato (2005), aproveitaram o conhecimento dos logogramas e foram precursores no nível silábico, extraíram os 24 símbolos da complicada escrita lexical-silábica dos egípcios e formaram o silabário. Este sistema adotado pelos fenícios era constituído somente pelas consoantes. Tomando emprestado o sistema fenício, os gregos compuseram a base de sua escrita, porém introduziram nesta a colocação da vogal após a consoante. Surgiu assim, a escrita alfabética, por volta do século X a.C.

Ohman (1974, *apud* Kato, 2003, p. 16) destaca que “a invenção da escrita alfabética é uma “descoberta”, pois, quando o homem começou a usar um símbolo para cada som, ele apenas operou conscientemente com o seu conhecimento da organização fonológica de sua língua”. O sistema ortográfico pretendia de certo modo, substituir a corrente sonora, logo a

primeira intenção, de acordo com Kato (2005) era um alfabeto de caráter fonético, que pudesse codificar a linguagem falada, ou seja, substituir a corrente sonora.

Entretanto, as línguas se alteram com o tempo e como consequência dessa mudança as línguas também apresentam variações dialetais que afetam a escrita. Assim, não se pode afirmar que o alfabeto dá conta de tudo àquilo que fala produz uma vez que as diferentes variações de pronúncia e estilo interferem na linguagem escrita deste modo conforme afirma Cagliari (2009), a escrita não é o espelho da fala.

A relação entre fala e escrita é fonêmica, isso porque no entendimento da linguista a escrita somente representa o que ativamente é expressivo, ou seja, a escrita somente representará aquilo que é significativo deixando de lado o que não é. Outro ponto importante é que há na fala fatos fonéticos que a escrita não consegue representar, como por exemplo, a entonação. A natureza fonêmica da ortografia, assim como a dos sistemas ortográficos de algumas línguas, garante a unidade da escrita. Caso escrita fosse fonética, isto é, se concebesse exatamente os sons da fala, teríamos uma disparidade tamanha que a unidade da língua ficaria afetada. Isso porque a escrita refletiria a variedade de dialetos, mas também o modo de falar de cada comunidade e de certo modo de cada indivíduo.

Conforme Higounet (2003, p.59) o alfabeto “é o sistema de sinais que expressa os sons elementares da linguagem”, assim da notação das palavras o homem passou a notação dos sons. Conforme Silva (1981), a diferença básica entre oralidade e escrita está no elemento condutor da mensagem, sendo respectivamente os símbolos vocais e os gráficos.

Assim, entende-se que “a forma física do som se relaciona com a letra, forma física da escrita” (SILVA, 1981, p.10). A autora salienta que o sistema ortográfico é complexo, devido à necessidade de frequentemente recorrer ao ambiente gráfico para descrever os valores dos símbolos.

Desse modo, pode-se dizer que a Fonética é uma área da Linguística que estuda os sons das línguas e veem em auxílio para ajudar na representação e assimilação dessas linguagens, pois é ela que vai estudar os sons produzidos pela fala, mesmo aqueles que não são capazes de serem representados na escrita.

Segundo Cagliari (2002, p.37), a fonética preocupa-se principalmente com a descrição dos fatos físicos que caracterizam linguisticamente os sons da fala. Assim, descreve os sons da fala, dizendo quais mecanismos e processos de produção de fala estão envolvidos em um determinado segmento da cadeia sonora da fala. Conforme o linguista, enquanto a fonética visa descrever os sons, a fonologia interpreta o valor linguístico desses sons dentro do sistema de uma dada língua.

Entretanto, Silva (1981) revela que o sistema fonológico pode incluir traços que não possuem correspondência na escrita. Do mesmo modo, ainda conforme a autora, a escrita pode conter sinais sem equivalência fonológica, como os parênteses, por exemplo. Graficamente a letra possui limites definidos e constitui a menor unidade segmental ortográfica.

O mesmo não se pode afirmar sobre o fone, sendo “impossível estabelecer os seus limites quer acústicos, quer articulatorios” (SILVA, 1981, p25). Convém lembrar que em algumas palavras o fone não apresentará representação ortográfica.

3 ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM ‘BACKGROUND’ ALEMÃO

No sentido mais usual, a linguagem é entendida como um sistema de comunicação. É, segundo Cagliari (2009), um jogo com direitos e deveres. É através dela que uma comunidade se compõe, muito embora haja feixes de variações que convivam no mesmo tempo. A linguagem é utilizada para marcar pessoas e classes sociais, ela ainda tem a capacidade de revestir as pessoas com poder, estigmas, preconceitos e fraqueza. Diante disso, uma língua, conforme Altenhofen & Frey (2006), pode ser considerada como “patrimônio cultural imaterial”. Os mesmos autores destacam que muito mais do que regras gramaticais e lista de palavras, a língua é sinal de identidade.

O Hunsrückisch é considerado uma língua de imigração, pode-se assim defini-la tendo em vista que Altenhofen (2007) afirma que língua de imigração é originária em outro país e seu uso é minoritário. Considerada como um patrimônio histórico e cultural do estado do Rio Grande do Sul sob lei nº 14.061 de julho de 2012⁴, a Hunsrückisch é de uso comum entre os descendentes de imigrantes germânicos.

O Hunsrückisch é considerado como,

uma variedade suprarregional do alemão falado no sul do Brasil que tem por base um contínuo dialetal formado essencialmente pelo francônio-renano e pelo francônio-moselano, originários de áreas situadas na Renânia Central, e que recebem, no novo meio, uma forte influência do português e de outras variedades em contato (ALTENHOFEN, 1996, p. 27).

⁴ Disponível em: <http://artigos.tol.pro.br/portal/linguagem-pt/Riograndenser%20Hunsr%C3%BCckisch>> Acesso em fevereiro 2014.

É comum ouvir relatos do aprendizado da língua⁵ como sendo através da oralidade, inclusive em alguns casos, os alunos afirmam que “sei como se fala, mas não sei como escreve”. Isso porque o Hunsrückisch tem existência basicamente oral, havendo poucos escritos sobre o mesmo. Desse modo, tomaremos como base que o dialeto predominante na região é sim o Hunsrückisch e não o pomerano.

No município em estudo, apesar de bastante utilizada em casa, nas festividades e até no comércio local, o Hunsrückisch não é a língua oficial, sendo apenas empregada em ambiente familiar e festividades sociais da comunidade. Ou seja, estes estudantes possuem como língua materna aquela que é falada em casa com seus pais, avós e familiares em geral e, na escola, aprendem a língua oficial do Brasil.

Conforme Cagliari (2009, p.16) “todo falante nativo usa a sua língua conforme as regras próprias de seu dialeto, espelho da comunidade linguística a que está ligado.” Infere-se assim que a comunidade em que estão inseridos os alunos que motivaram esta pesquisa possuem uma língua que é basicamente falada, uma vez que, pelo que se sabe, há poucos escritos em Hunsrückisch. Isso talvez explique o fato de a maioria dos alunos, tanto de nível fundamental quanto de nível médio, enfrentarem inúmeras dificuldades com a disciplina de língua portuguesa, especialmente com a escrita.

Nas palavras do mesmo autor “um dialeto não é simplesmente um uso errado do modo de falar do outro dialeto. São modos diferentes.” (CAGLIARI, 2009, p.16). Isso porque a linguagem é um fato no qual há convenções sociais, deste modo as pessoas de cada comunidade falaram igual aos seus demais membros. Obviamente há diferenças entre o modo de falar de cada comunidade, mas nenhum desses modos é considerado errado. Sendo assim, pode-se dizer que é natural que haja assimilação da língua portuguesa com a língua materna dos alunos desta escola.

O objetivo do ensino de língua portuguesa, de acordo com Cagliari (2009), é mostrar como trabalha a linguagem humana e os usos que esta tem, pois somos mais do que meros usuários da mesma, uma vez temos a capacidade de jogar com a própria nas mais variadas situações e contextos nos quais estamos inseridos. Todavia, em uma sala de aula plurilíngue, é necessário que o professor aprenda a lidar com essa heterogeneidade linguística, pois essa diversidade é,

sempre um osso duro de roer, porque, além da diferença das formas, há uma valoração social diferenciada recaindo sobre elas: algumas têm muito prestígio

⁵ Utilizaremos língua no decorrer deste trabalho para nos referirmos ao dialeto Hunsrückisch.

social (e constituem aquilo que chamamos de norma padrão), enquanto outras são menos prestigiadas e até ridicularizadas e censuradas (FARACO, 2006, p.16).

Admite-se assim que a língua é uma importante forma de inclusão e exclusão social, uma vez que através dela um cidadão pode ser prestigiado por determinada parte da sociedade, admirado pelas demais pessoas, ou ser excluído, banido por falar “errado”. Todavia, como destaca Bagno (2013), não há línguas que sejam homogêneas; conforme o autor, a variedade linguística é um fenômeno universal.

Nas aulas de língua portuguesa na área da linguagem, a escrita tem papel privilegiado; é necessário, introduzir o aluno “no mundo da escrita, tornando-o um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente” (KATO, 2005, p.7). Somente assim a escola poderá atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação.

Cabe às aulas de língua portuguesa propiciar a formação de leitores críticos, produtores de textos conscientes que reconheçam a diversidade linguística e cultural. Para Neves (2012), o dever da escola é propiciar a reflexão sobre língua, capacitando os usuários a percepção dos níveis de adequação, conexão e eficiência dos usos, de acordo como cada situação exige. No entendimento da autora a escola deve refletir a linguagem a partir do seu uso real.

Estes aspectos são assegurados pelos princípios norteadores da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 e pelas Orientações Curriculares para o Ensino Médio que propõe a formação integral do aluno e o exercício da cidadania. Assim, é preciso criar condições para que o aluno tome a língua escrita e oral, como objeto de ensino/estudo/aprendizagem, numa abordagem que envolva reflexão do sistema e do uso da língua a fim de consolidar os saberes a serem construídos pelo mesmo.

4 LÍNGUA MATERNA X LÍNGUA ALVO DE ENSINO

Com o intuito de examinar a influência da língua materna alemã sobre o processo de leitura e escrita em português brasileiro, a presente pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Afonso Pena - localizada no município de Paraíso do Sul, região central do estado do Rio Grande do Sul.

Na região há grande incidência de alunos que falam, em casa, quase exclusivamente o dialeto alemão Hunsrückisch. Esta é uma das possíveis justificativas para que ocorra no processo de transferência do conhecimento fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico do dialeto alemão para a língua portuguesa. Uma vez que as marcas do dialeto permanecem arraigadas em boa parte das regiões colonizadas por imigrantes alemães. Percebem-se essas marcas de várias formas, tanto na escolha de palavras, quanto na sintaxe, mas, especialmente, na pronúncia desses falantes – tanto traços prosódicos como de produção de segmentos fonéticos.

Gráfico 1

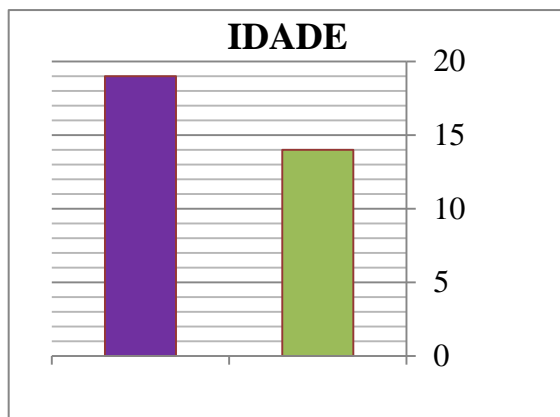


Gráfico 2

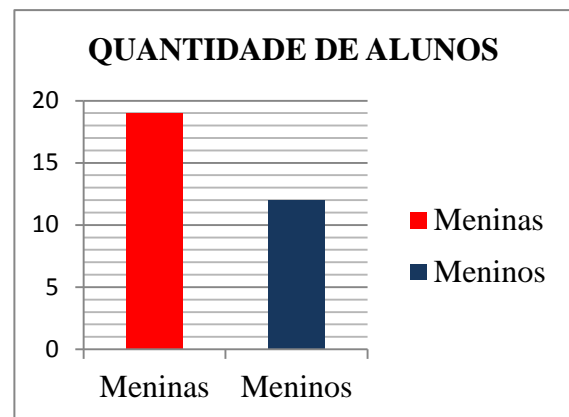
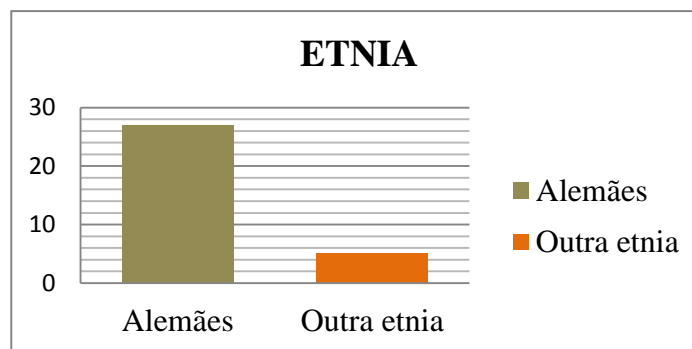


Gráfico 3



Todos os 32 alunos participantes deste estudo faziam parte do primeiro ano do ensino médio politécnico da escola, sendo que destes - conforme mostra o gráfico 2 - 19 participantes eram do sexo feminino com idades entre 14 e 19 anos, assim como mostra também o gráfico 1. Destes, apenas cinco alunos não são de descendência alemã e não utilizam o dialeto Hunsrückisch em casa, tendo conhecimento dessa língua através dos colegas de escola, conforme apresenta o gráfico 3.

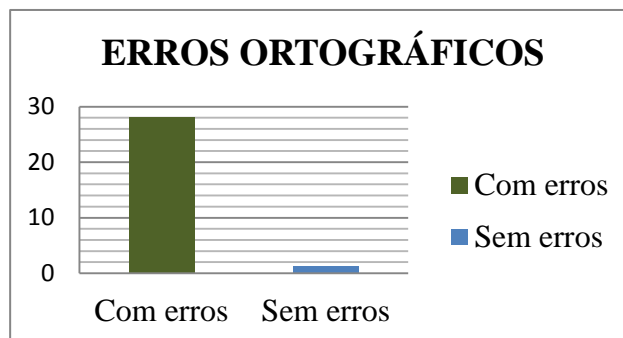
Assim o corpus dessa pesquisa é composto por 32 textos. O material foi coletado em sala de aula, durante o período das aulas de língua portuguesa, no mês de dezembro de 2013.

Buscou-se, com este estudo, averiguar quais os fatos observados que diferenciam e/ou evidenciam a confusão entre a língua materna (dialeto Hunsrüsckisch) e língua portuguesa.

Visava-se descobrir quais os erros ortográficos eram mais recorrentes e quais fatores favoreciam a ocorrência desses erros. Tais produções que constituem o corpus dessa pesquisa não foram coletadas especialmente para a realização deste estudo, uma vez que foram obtidas durante o período de avaliação final da disciplina de língua portuguesa.

Na análise dos dados coletados, conforme apresenta o gráfico 4, averiguou-se que apenas quatro textos não possuíam erros ortográficos; assim, esta pesquisadora interessou-se em saber qual a origem étnica declarada por estes estudantes e constatou que dois destes declaravam-se alemães enquanto os outros dois textos eram de alunos autodeclarados como pertencentes a outra etnia. Nos demais textos analisados, todos apresentaram algum tipo de equívoco ortográfico, que foi devidamente agrupado para melhor proveito deste estudo.

Gráfico 4



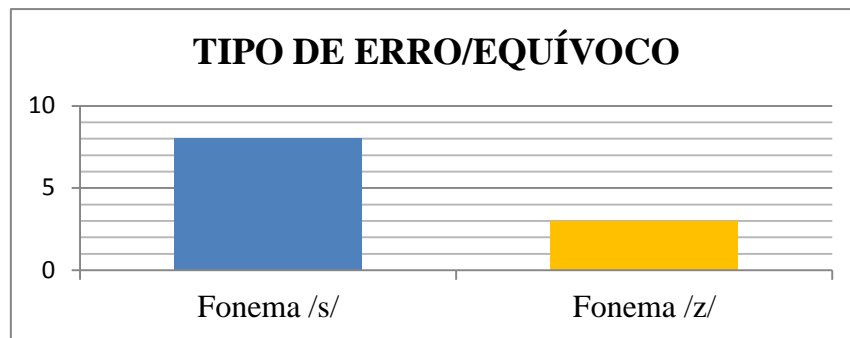
Nesta análise constatou-se aquilo que já era observado pelos educadores da escola: em geral, os falantes deste dialeto alemão eliminam a nasalidade da vogal final de certos vocábulos, interrompendo a pronúncia da palavra na última sílaba, o mesmo sendo repetido em alguns casos na escrita. Em três textos observou-se a interrupção da palavra sendo eliminada a última letra, pois alguns estudantes escreveram, por exemplo, “cidad”, “dignidad”. Além disso, a maior parte dos textos averiguados apresenta variações quanto ao uso do fonema /s/ e do fonema /z/.

Observou-se a ocorrência das variações de grafema descritas anteriormente nos textos estudados, os quais estão descritos na tabela a seguir:

Tipo de erro/equívoco	Ocorrências
Grafia do Fonema /s/	‘cente’ (sente), ‘cimplificar’ (simplificar), ‘tivese’ (tivesse), ‘dise’ (disse), ‘tivece’ (tivesse), ‘quizer’ (quiser), ‘encontrase’ (encontrasse), ‘cinsero’ (sincero);

Grafia do Fonema /z/	‘asveses’ (às vezes),
----------------------	-----------------------

Gráfico 5



O gráfico acima mostra claramente que a maior ocorrência de erros deu-se na escrita do fonema /s/. Em casos como na troca de grafia do fonema /s/ em que oito textos apresentaram palavras com esse erro, pode-se atribuir esses erros às várias possibilidades de representação do fonema /s/ em nossa língua portuguesa, o que propicia que ocorra tal confusão entre um e outro, como mostra a tabela a seguir:

Grafia do fonema /s/	SS
	SC
	SÇ
	XC
	S

Vocábulo como: *você*, *disse*, *talvez*, e *quiser* foram escritos como: ‘voçe’, ‘dise’, ‘talves’ e ‘quizer’. O fonema /s/ ainda foi suprimido em alguns textos nos quais apareceram palavras escritas com a letra C ‘cente’, ‘cimplificar’ e ‘acédios’. Além desses casos, verificou-se a ocorrência da letra S em palavras como: ‘sedo’, ‘esprementou’ e ‘escluídos’, as quais, na escrita padrão da língua portuguesa deveriam estar escritas com a letra X.

Na escrita do vocábulo ‘esprementou’, nota-se ainda a redução do vocábulo, no qual o aluno escreveu utilizando uma marca própria da oralidade. Outros vocábulos também foram transcritos com marcas da oralidade e com um processo redução comum na língua portuguesa em quase todos os textos. Demonstrando isso, verificamos a palavra *estava* que apareceu com as variações ‘tá’ ‘teve’ e ‘tava’.

Quanto à grafia do fonema /z/, ocorrências como: ‘asveses’ (às vezes), e ‘talves’ envolvem certa desatenção e até mesmo um caso de arbitrariedade do sistema ortográfico brasileiro. Cabe ainda destacar que em ‘asveses’ há a ocorrência de dois erros distintos: uso

da letra S intervocálica para gerar um som de /z/ e uso da letra S em final de palavra. Este tipo de erro é considerado por esta pesquisadora como um erro primário sem uma plausível justificativa para o modo apresentado na escrita dos vocábulos nos textos analisados.

Estes mesmos textos também apresentavam erros quanto ao uso das letras *ch* e *x* com escrita de palavras nas quais havia ocorrência do erro/troca de *ch* por *x* e vice versa. Entretanto, esses mesmos erros também se verificou nos demais textos analisados, os quais apresentavam palavras como ‘enxer’, ‘xamar’ e ‘chaveco’.

Em cinco textos analisados, observou-se duas ocorrências que chamaram a atenção desta pesquisadora: a sentença ‘ganhar doença’ e o vocábulo ‘Brasileiro’, grafado com inicial maiúscula em todas as vezes que apareceu escrito no texto. Note-se que o verbo ganhar foi usado com o sentido do verbo ter, quando o mais comum na língua portuguesa é utilizarmos o ter doença ao oposto de ‘ganhar doença’.

Já o substantivo brasileiro grafado com inicial maiúscula deve-se ao fato de que em alemão escrevem-se com letra inicial maiúscula todos os substantivos e palavras substantivadas, como no caso, brasileiros. Assim, nesses dois casos, pode-se afirmar que o aluno buscou no dialeto materno subsídios para a escrita em língua portuguesa, podendo-se inferir certa confusão entre os usos das duas línguas (dialeto alemão e língua portuguesa).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos dados expostos e nos resultados obtidos nesta pesquisa, na qual se tentou verificar a influência da oralidade na escrita, através da análise de textos de alunos do ensino médio, os quais em sua maioria falantes do dialeto Hunsrückisch, podemos afirmar que a expectativa da comunidade local de que o dialeto teria total influência sobre a escrita em língua portuguesa foi uma hipótese que não se confirmou.

Conforme Altenhofen (2004), são frequentes e evidentes os juízos de valor depreciativos sobre as línguas minoritárias e seguidamente uma língua materna minoritária – como nos casos estudados aqui – é culpada pelo fracasso escolar e por problemas de aprendizagem, especialmente da língua portuguesa. Na escola em que se realizou este estudo é recorrente estes juízos de valores entre alunos falantes do dialeto e alunos monolíngues.

Devido a isso se acreditava, por exemplo, que, nos textos analisados, ocorressem trocas, como [k] por [g] e [t] por [d]; o r- forte pelo r- fraco; e processos de desonorização, como [g] por [k] o que não se confirmou.

As dificuldades apresentadas na escrita dos alunos que participaram deste estudo revelaram dificuldades de escrita que são gerais – e normais – no aprendizado da escrita e da ortografia e não algo relacionado diretamente à língua materna desses alunos.

Os erros cometidos na escrita tiveram como referência a fala; entretanto, não se pode afirmar que são erros específicos do alunado falante do Hunsrückisch, uma vez que são equívocos cometidos também por falantes nativos da língua portuguesa.

A linguagem escrita da segunda língua – língua portuguesa – deveria mostrar assimilação de alguns aspectos do dialeto Hunsrückisch. Nesta pesquisa, consideramos os erros apresentados como naturais e pertencentes ao processo de prática da escrita.

Contudo, é importante salientar que os dados aqui analisados exigem aprofundamentos para uma maior colaboração com os estudos acerca do tema, uma vez que os dados aqui expostos referem-se a um grupo pequeno de alunos, e isso pode não condizer com a realidade total da escola onde se realizou a pesquisa.

O que se propõe com este estudo é que ocorra, como sugere Faraco (2006, p. 25), uma “reconstrução de nosso imaginário sobre a língua”, ou seja, que o ensino de língua portuguesa não seja dissociado da sociedade.

Deste modo, o estudo dos conhecimentos gramaticais deverá ser contextualizado com a realidade do aluno, para que então este conhecimento venha fazer sentido na vivência cotidiana e que o aluno verdadeiramente obtenha esses conteúdos arraigados.

Assim, considera-se que o conhecimento, quando assimilado de forma prática e contextualizado, conduz o aluno aos conceitos de forma clara e consistente.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo V. **O conceito de língua materna e suas implicações para o bilinguismo (em alemão e português)**. In: Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. O que é, como se faz. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.
- BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Análise morfológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização e linguística**. 11ªed. São Paulo: Scipione, 2009.
- Disponível em:< http://www.iberico-americana.net/files/ejemplo_por.pdf> Acesso em fevereiro de 2014. Cléo Vilson Altenhofen. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil.
- FARACO, Carlos Alberto. **Ensinar x não ensinar gramática: ainda cabe essa questão?**. Calidoscopio, vol.4, nº1, p.15-26/ abr 2006.
- HIGOUNET, Carlos. **História concisa da escrita**. Parábola Editorial, 2003.
- KATO, Mary A. **No Mundo da Escrita: Uma Perspectiva Psicolinguística**. 7. ed. São Paulo: editora Ática, 2005.
- LUERSEN, Werkhausen Rosane. A situação de contato Plurilíngue no sul do Brasil. Revista Científica da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora. Visões nº.7 - p. 2 - julho / dezembro 2009. Disponível em:< http://www.fsma.edu.br/visoes/ed08/Edicao_8_artigo_4.pdf> Acesso em dezembro 2013.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática passada a limpo: conceitos, análises e parâmetros**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- PACHECO, Vera. **Evidências do funcionamento da língua oral no texto escrito**. Revista intersecções, São Paulo, nº 1, ano 1, set/2008. Disponível em:<www.anchieta.br/unianchieta/revistas/intersecoes/pdf/revineterapdf> Acesso em janeiro 2014.
- ROHDE, Aldo. **Paraíso do Sul do sonho à realidade**. Porto Alegre: Evangraf, 2013.
- SILVA, Miriam Barbosa da. **Leitura, ortografia e fonologia**. São Paulo: Ática, 1981.
- WERLANG, William. **História da Colônia Santo Ângelo**. Santa Maria: Pallotti, 1995.